

MÍDIAS E CULTURA COLABORATIVA

Georgia Stella Ramos do Amaral
Fábio Teixeira Franciscato

Resumo

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que consistiu em investigar se a revolução digital está acontecendo nas salas de aula da 6ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) da região de Santa Cruz do Sul. Tendo em vista a invasão da tecnologia em várias áreas e tendo conhecimento do uso das novas tecnologias como recurso pedagógico, surge a necessidade de saber se a cultura colaborativa também faz parte da realidade escolar. A metodologia utilizada nesta pesquisa contou com dois momentos: pesquisa bibliográfica e a aplicação de um questionário tendo como público alvo os professores capacitados pelo Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE) de Santa Cruz do Sul, com o objetivo de identificar as mídias utilizadas em sala de aula e os professores que criaram e/ou que seus alunos criaram algum tipo de material. Como resultado descobriu-se que os professores e alunos utilizam e produzem conteúdo em sala de aula, mas não têm o costume de compartilhar na Internet.

Palavras chave: cultura colaborativa, redes sociais, educação.

Abstract

This article presents the results of research into the scope that computer technology is being used in classrooms of the 6ª CRE Santa Cruz do Sul region. Considering the reality of the new technologies' potential as a pedagogic resource, it is important to determine whether the use of the “collaborative culture” is a reality in schools. The methodology used in this research employed biographical data and a questionnaire. The subjects were teachers who had been trained by the NTE Santa Cruz do Sul. The aim of the research was to identify classroom practices: the outcome measure being the material produced by the teachers and their students. The results indicate that the teachers and students use the computer to produce content in the classroom, but don't share any of their content on the Internet.

Keywords: collaborative culture, social networking, education.

1 INTRODUÇÃO

Cultura, segundo o dicionário de Língua Portuguesa Aurélio, é o “conjunto dos conhecimentos adquiridos” ou ainda “das estruturas sociais, religiosas, das manifestações intelectuais, artísticas que caracteriza uma sociedade”. Cultura então seria tudo que se adquire no decorrer da vida, em termos de experiências, pensamentos que caracterizem um indivíduo, um grupo, uma sociedade.

Paulo Freire (1983, p. 30-31) diz que “cultura é tudo que é criado pelo homem. Tanto uma poesia como uma frase de saudação. A cultura consiste em recriar e não em repetir”. Sendo assim, é natural para o homem a criação por todos os setores por onde passe. Trazendo esses conceitos para nossos dias e aplicando à nossa era (a era digital), já que, com a Internet, as distâncias foram abolidas, o território passa a ter uma abrangência muito maior. O território na era digital é a *web*, o ciberespaço. Daí surge o conceito de “cibercultura” (LÉVY, 1999), cultura digital ou cultura colaborativa (JEKINS, 2006), onde todos conectados na grande rede constroem coletivamente a identidade de um grupo. O homem deixa sua marca nesse território como indivíduo sem deixar de ser grupo, pois traz suas experiências para compartilhar, mas procura grupos por afinidades para se associar.

Lemos (2010) afirma que por séculos não se podia dizer nada e agora se vivencia uma outra época. Presencia-se uma época tecnológica, onde a revolução digital acontece nas nossas vistas, mesmo que não sejamos sujeitos dela. Utensílios e expressões como: máquinas digitais, celulares, cartões de crédito, *blogs*, *mini blogs*, mensageiros instantâneos, *softwares* livres, surgem no nosso dia-a-dia cada vez mais.

Hoje a Internet nos possibilita sair da posição de expectadores e experimentar um novo comportamento que é o de formador de opinião. Pode-se produzir e publicar conteúdo que será acessado por centenas de pessoas, e que talvez influencie mudanças em territórios antes fora de alcance. Pode-se fazer a diferença através do mundo virtual, ao que denomina-se revolução digital. Algumas dessas pessoas (jornalistas, marqueteiros, ativistas, políticos) já perceberam essa oportunidade e fazem uso dela, mas será que o professor que recém está se inserindo no meio tecnológico também está utilizando?

Diante desse novo cenário fica a pergunta: A revolução digital está acontecendo nas nossas salas de aula? Se sim, como essas mídias estão sendo usadas? Se não, o que está travando esse processo? Está se criando uma cibercultura?

O tema surgiu da necessidade de saber se revolução digital havia atingido as salas de aulas. Na opinião de Accorsi (2009) “a cultura colaborativa virtual no Brasil é muito fraca”. Então, para tentar responder estas questões, esse artigo tem por objetivo expor uma visão geral do que está sendo discutido a respeito do assunto

nos diversos meios (mídia impressa, virtual, redes sociais) e tenta traçar a realidade das escolas da região da 6ª CRE, com sede em Santa Cruz do Sul.

O método utilizado nesse artigo foi a pesquisa em referências bibliográficas sobre o assunto e a aplicação de questionário, tendo como público alvo os professores capacitados pelo Núcleo de Tecnologia Educacional de Santa Cruz do Sul.

O trabalho está dividido em três capítulos, além desta introdução, sendo o segundo capítulo destinado ao estudo sobre cultura e colaboração na *web*, e o terceiro apresenta os dados da pesquisa realizada. Finalizando, o quarto capítulo apresenta a conclusão e as considerações a respeito dos resultados alcançados.

2 CULTURA E COLABORAÇÃO

Vive-se em um tempo de “cultura da convergência¹” (JENKIS, 2009), onde pessoas de diversas áreas, de todos os lugares, de idades diversas, têm a possibilidade de trocar informações e experiências através da cultura participativa. O YouTube², assim como outras ferramentas como *blogs*³, *wikis*⁴, fóruns, mini *blogs*⁵, comunidades virtuais⁶, são exemplos disso. Esses espaços usam expressões que convidam à participação, como o “*Broadcast Yourself*” (*Transmita-se*) do YouTube, ou com provocações do tipo “Compartilhe suas idéias” do Blogger⁷ ou o “*What’s happening?*” (*O que está acontecendo?*) do Twitter⁸ (Figura 1).

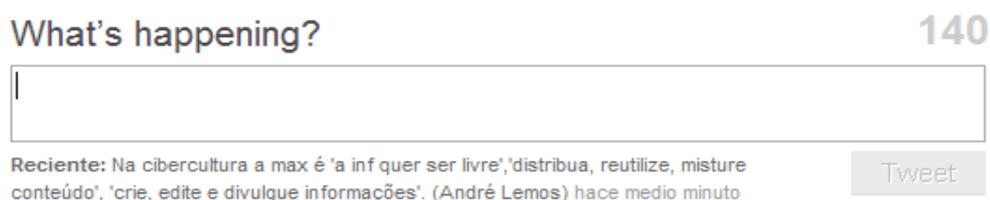


Figura 1 - A caixa de texto disponível na página inicial do Twitter convida ao compartilhamento de idéias.

- 1 Título do livro de Henry Jenkins citado na apresentação do livro YouTube e a Revolução Digital.
- 2 Portal para ver e compartilhar vídeos on-line.
- 3 Diários virtuais.
- 4 Ferramenta que permite a criação coletiva de páginas/textos.
- 5 Blog com limite de caracteres.
- 6 Perfis que se agrupam com um interesse comum através de uma rede social.
- 7 Serviço do Google que permite a criação de blogs.
- 8 Microblog.

Essa ideia de “transmitir-se”, mostrar ao mundo seus pensamentos e gostos, deixar registros para a posteridade das suas idéias, vem ao encontro do que Paulo Freire pensava sobre o ímpeto criador do homem e seu desenvolvimento de consciência crítica. A Internet suprimiu distâncias e permite que pessoas conheçam outras realidades, através de comentários, vídeos, nas quais deixam suas histórias pelas vias virtuais.

O desenvolvimento de uma consciência crítica que permite ao homem transformar a realidade se faz cada vez mais urgente. Na medida em que os homens, dentro de sua sociedade, vão respondendo aos desafios do mundo, vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora (FREIRE, 1983, p. 33).

É nessa nova era que os alunos estão crescendo, onde a educação precisa se inserir para não ficar à margem do progresso tecnológico e na qual o professor tenta se adequar. A filosofia desse grupo é compartilhar, seja informação, conhecimento, pensamentos, ou simples momentos através de vídeos e imagens. Esse novo meio de formar opiniões influencia muitas áreas, transforma conceitos, modifica a forma de comunicação e também de pensar e agir de vários grupos da sociedade. A educação, como parte desse cenário, também é atingida e tenta se atualizar diante dessa rápida transformação.

Há vários estudos sobre o uso das tecnologias na educação como os de (ALMADA et al, 2009), (PÉREZ, 2003) e (KIRST e BIAZUS, 2006), os quais apresentam o avanço tecnológico e o novo perfil de educador. Moran (2000) e Freire (1983) escrevem sobre esse novo perfil, da necessidade de mudança de paradigma de transmissor para um papel de mediador. Pode-se destacar essa idéia através de um trecho de Hugo Assmann (2000), que concorda com os demais:

A resistência de muitos(as) professores(as) a usar soltamente as novas tecnologias na pesquisa pessoal e na sala de aula tem muito a ver com a insegurança derivada do falso receio de estar sendo superado(a), no plano cognitivo, pelos recursos instrumentais da informática [...]. Seu novo papel já não será o da transmissão de saberes supostamente prontos, mas o de mentores e instigadores ativos de uma nova dinâmica de pesquisa-aprendizagem (ASSMANN, 2000. p.8)

Com o avanço das mídias e da tecnologia na educação essa necessidade se faz mais urgente ainda.

Podemos modificar a forma de ensinar e de aprender. Um ensinar mais compartilhado. Orientado, coordenado pelo professor, mas com profunda participação dos alunos, individual e grupalmente, onde as tecnologias nos ajudarão muito, principalmente as telemáticas (MORAN, 2000).

Nessa nova era de construção coletiva, é comum ver nas páginas pela *web* recursos que permitem compartilhar informação com outras pessoas ou comunidades. Na área da educação, alguns professores têm feito uso dessas ferramentas em sala de aula ou para uso pessoal, contando suas experiências, como no caso dos blogs e wikis. O Ministério da Educação (MEC) incentiva o compartilhamento de idéias através do Portal do Professor (Figura 2).



Figura 2 - Página inicial do Portal do Professor.

Segundo dados do MEC, o portal tem 180 mil inscritos, sendo que no primeiro semestre de 2010 teve 2.305.963 visitas. O Brasil aparece em primeiro lugar na lista de países com mais acessos, seguido por Portugal, USA, Japão, Angola, Moçambique, Argentina, Colômbia, Espanha e França. São cento e cinquenta países que acessam o portal. Em relação às cidades de mais acesso, Porto Alegre nem aparece na lista. Em primeiro lugar está São Paulo, seguida do Rio de Janeiro, Brasília, Curitiba, Belo Horizonte, Recife, Goiânia e Salvador. Há cerca de 6.500 aulas compartilhadas no ambiente, mas o estado do Rio Grande do Sul aparece em 8º lugar no ranking de colaboração, com um índice bem abaixo dos que estão acima.

Outra iniciativa do MEC é o site Domínio Público que oferece aos usuários várias obras (músicas, livros, vídeos, manuais, teses) consideradas de domínio público, disponíveis no site para *download*. Os usuários também podem colaborar

digitalizando ou traduzindo obras de domínio público, de duas formas: como autor, enviando seus artigos para publicação no portal; e como parceiro, cedendo os direitos autorais de obras que detenha.

Através de pesquisas na Internet encontram-se outros exemplos de sites que oferecem ferramentas que possibilitam a construção do conhecimento coletivo, para uso na educação ou não. Esse artigo apresenta alguns desses, os quais foram mencionados pelos professores nesta pesquisa.

2.1 Os blogs e microblogs

Os blogs são ferramentas que surgiram para que as pessoas dissessem o que pensam sobre as coisas da vida, em várias áreas, para quem as quisesse ler.

Ciberdiários, webdiários ou weblogs são práticas contemporâneas da escrita on-line, onde usuários comuns escrevem sobre suas vidas privadas, sobre suas áreas de interesse pessoais ou sobre outros aspectos da cultura contemporânea. (LEMOS, 2001, p.3 apud SILVA, 2009, p.38)

O uso dos blogs em sala de aula já foi tema de estudo para várias pesquisas, como (MARTINS et al, 2007), (VENDRUSCOLO et al, 2008) e (MANTOVANI, 2006), e é um dos recursos mais utilizados na área da educação com vários fins. Pode ter a finalidade de mostrar o trabalho realizado na escola como um todo ou em parte como meio de divulgação,

A informação, o conhecimento e a aprendizagem [...] através da socialização dos meios digitais e educacionais, e o blog, por ser uma mídia de fácil acesso, criação e utilização, pode ser um desses meios de divulgação da prática escolar. (ROIG, 2010, p.30)

para uso pessoal dos professores como meio de divulgação de seus pensamentos/trabalhos, ou, ainda, de um grupo deles como ambiente de aprendizagem.

Alguns blogueiros educacionais são mais conhecidos além de sua aldeia, graças ao blog, e inclusive reconhecidos e premiados por esse trabalho online. Dessa forma, o blog, de mero diário ou jornal virtual, passou a ser também um ambiente de aprendizagem em rede, podendo ser inclusive, [...] um ambiente de EaD, por poder simular de forma mais limitada um portal educacional de formação continuada. (ROIG, 2010, p.37)

Uma novidade nesse tipo de ferramenta são os microblogs. A diferença desses é a limitação de caracteres para expor uma idéia. O de maior sucesso no momento é o Twitter que limita as postagens em 140 caracteres. Uma ferramenta interessante que surgiu e já desperta interesse de várias áreas como a comercial, de comunicação, e também da educação, como se pode observar nas Figuras 4 e 5.



Figura 4: Link no Portal do Professor que direciona para o Twitter.



Figura 5: Terra Notícias disponibiliza o link para o perfil do Twitter.

A limitação de caracteres é a maior diferença entre o *blog* e o microblog, mas ambos incentivam que pessoas compartilhem opiniões através da Internet.

Os *blogs* já são bastante utilizados em sala de aula, como já comentado anteriormente, e na região da 6ª CRE já aconteceram várias oficinas e incentivo à construção de *blogs* das escolas e em várias disciplinas. Pode-se citar como exemplo os da EEEM Willy Carlos Fröhlich⁹, EEEM Wolfram Metzler¹⁰ e EEEM José Mânica¹¹. Algumas professoras levaram a idéia adiante, talvez por ser essa uma ferramenta bastante difundida no meio educacional.

2.2 Wikipédia

Dentre os meios de construção de conhecimento coletivo, um dos mais utilizados é a Wikipédia, "a enciclopédia livre que todos podem editar" (WIKIPÉDIA, 2010). É uma enciclopédia on-line construída com a colaboração de vários usuários que editam artigos sobre diversos temas com o auxílio da ferramenta wiki.

A ferramenta wiki, na qual se baseia a wikipédia, pode ser utilizada para construção do conhecimento coletivo através de hipertextos, páginas na Internet,

⁹ Blog da turma 201 disponível em <http://polivalentescs.blogspot.com/>

¹⁰ Blog da Coordenação Pedagógica disponível em <http://ivoniros.blogspot.com/>

¹¹ Blog da escola disponível em <http://escolamanica.blogspot.com/>

necessitando pouco conhecimento de linguagem de programação, como apresentam as pesquisas de (PRIMO e RECUERO, 2003), (ROSADO, 2008) e (INUZUKA, 2008).

2.3 Vídeos e YouTube

Os audiovisuais em geral sempre chamam mais a atenção do público, pois utilizam atrativos de movimento e som, os quais dão um tom lúdico e prazeroso, mesmo que o objetivo não seja totalmente esse. Com a chegada da Internet, e a possibilidade de ter todo tipo de vídeo à disposição, portais como o YouTube são muito utilizados. Em 2008, a página da Folha on-line (FOLHA ON-LINE, 2008) publicou a notícia de que 5 bilhões de acessos ao site do YouTube foram feitos um mês nos EUA e, em 2009, a revista Veja (VEJA, 2009) publicou uma notícia informando o índice de 1 bilhão de acessos diários.

O vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, próximo, que toca todos os sentidos. Mexe com o corpo, com a pele - nos toca e "tocamos" os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente. Pelo vídeo sentimos, experienciamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos. (MORAN, 1995)

Segundo Burgess (2009, p.104), o YouTube “é uma plataforma projetada para viabilizar a participação cultural dos cidadãos comuns”, sendo que afirma, ainda, que “ele é um exemplo muito claro de uma tendência abrangente em direção a convergências conflitantes de forma de produção cultural comerciais e não comerciais no ambiente digital”.

Os vídeos são outra forma de mostrar do que se gosta, da realidade que rodeia o indivíduo e a nova geração não encontra nenhuma dificuldade em assisti-los, criá-los e/ou compartilhá-los.

[...] a produção de pequenos vídeos, produzidos com uso de recursos digitais, possibilitam uma rápida e relativamente fácil visualização, torna-se muito popular entre aqueles que têm acesso à Internet. Essa geração "alt+tab" identificada com o audiovisual, com ícones e avatares que ocupam todos os espaços das cidades e dos meios de comunicação, avançando assim, inclusive para as zonas rurais, passa a ter acesso a tudo isso de forma muito intensa, principalmente por conta da expansão do uso dos telefones celulares [...] (ALMADA et al, 2009, p. 4-5)

Os vídeos são muito utilizados como facilitadores do processo de ensino e aprendizagem, sendo que na região da 6ª CRE há algumas iniciativas de criação, mas ainda tímidas. Já foram oferecidas algumas oficinas de criação de vídeos no NTE. Esse tipo de recurso, juntamente com o *blog*, é muito utilizado em sala de aula. Trabalhos como (LIMA, 2010), (SANTOS, 2010) e (ALMADA et al, 2009) comentam experiências da utilização de vídeos em sala de aula.

3 A CULTURA COLABORATIVA NA REGIÃO DA 6ª CRE

3.1 Metodologia

Os resultados apresentados neste artigo foram obtidos através de pesquisa realizada com esse público específico (professores capacitados pelo NTE), através de um questionário compartilhado por correio eletrônico. É uma amostra pequena, mas a opção por esse grupo partiu do pensamento de que professores que já tiveram uma capacitação na área de informática já romperam a dificuldade do primeiro contato com a máquina e que se pode considerá-los incluídos digitalmente. Foram enviados cerca de trezentos questionários para correios eletrônicos cadastrados como cursistas do NTE, dos quais grande parte retornaram por serem de contas inativas ou informadas de forma incorreta.

A pesquisa realizou-se através de questionário com a finalidade de investigar os professores que tinham utilizado material disponível na *web* e quem havia criado algum tipo de material, sendo que, dentre esses últimos, esperava-se descobrir quantos compartilharam a produção na *web*, e se tinha sido válido no processo de aprendizagem. A participação dos professores foi voluntária e o número de participantes baixo (65), considerando a quantidade de questionários enviados.

O foco desse artigo limitou-se ao uso das mídias sociais como ferramenta de cultura colaborativa, e no estímulo da utilização dessas tecnologias que é um dos tantos obstáculos a se ultrapassar na área da educação. Na verdade, o que importa nas mídias sociais é a discussão que ela proporciona, é a troca de idéias, que permite o crescimento do indivíduo.

3.2 O cenário

Na região da 6ª CRE há cerca de mil e novecentos regentes de classe, como se pode observar na Figura 8. Desse universo, pouco mais de quinhentos fizeram algum tipo de capacitação no NTE de Santa Cruz do Sul.

Totais de Professores por Grupo de Atividade				
	Efetivos	Temporários	Adidos / Estagiários	Total
Regentes de Classe	1.572	422		1.994
Outras Atividades	1.288	79	1	1.366

OBS: Os professores aqui podem estar contabilizados nos dois grupos conforme as atividades que exerçam.

Figura 8: Total de professores com regência de classe na 6ª CRE.

Praticamente todas as escolas da região têm um laboratório de informática, seja por aquisição do Círculo de Pais e Mestres, doação, ou através de algum programa de governo. Mesmo assim, o que se vê são salas de informática fechadas ou com pouquíssimo uso. Ainda há uma grande resistência na sua utilização, seja por falta de conhecimento; medo de perder o controle e atenção da turma diante de tantos atrativos; medo de do acesso a conteúdos impróprios; falta de recursos humanos; poucas máquinas para o tamanho da turma; entre outras dificuldades citadas pelos professores na pesquisa.

O professor que utiliza recursos de informática tem um perfil diferenciado, e se mostra mais receptivo às mudanças. Uma capacitação nessa área ajuda, mas não é tudo. Em contato com várias turmas de capacitação, essa característica da abertura para o novo, tem mostrado ser algo mais profundo, um componente quase pessoal. Durante as capacitações percebe-se que o contato com a tecnologia tem resultados diferentes, em alguns professores fica apenas no primeiro contato, já em outros o efeito é transformador, estimulante e presencia-se o desenvolvimento de um interesse, de um encantamento.

3.3 Os resultados

As mídias citadas como mais utilizadas em sala de aula foram: 52% revistas e jornais, 41% vídeos, 27% dicionários/wikipédia, 25% TV, 22% rádio, 16% *blog*, demonstrando um perfil tradicional, já que as novas mídias mostram índice inferior.

Dos entrevistados, 63% responderam que produziram material para a *web* e não apenas utilizaram o que encontraram disponível na rede, mudando assim o seu perfil de consumidor para produtor, sendo que 65% responderam que seus alunos também tiveram essa atitude. O percentual de aprovação da utilização dos recursos em sala de aula foi de 98% e 48% disseram que essa utilização acrescentou muito no processo, facilitando a aprendizagem, pois os alunos sentiram-se estimulados, e as aulas foram mais interessantes, alguns professores disseram ter aprendido muito também quanto ao uso das tecnologias com seus alunos.

Quando questionados sobre o tipo de material criado, os professores responderam que: 72% são documentos de texto, 61% slides, 50% vídeos, 28% *blog*, conforme mostra o gráfico da Figura 9. Mais da metade, 53%, disseram que não encontraram dificuldade no uso do recurso escolhido e 67% não publicaram o material na *web* (Figura 10).

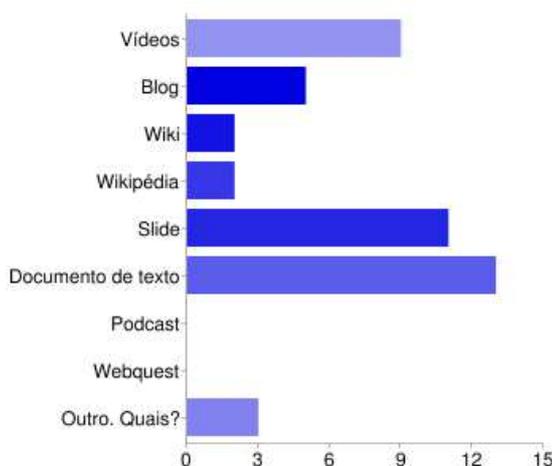


Figura 9: Gráfico dos tipos de materiais criados pelos professores.

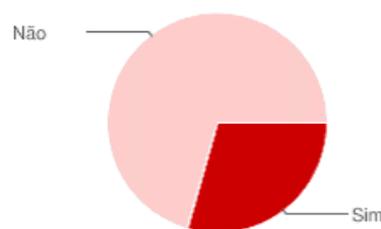


Figura 10: Gráfico de compartilhamento na *web*, mais da metade dos professores não compartilha.

Quando a pergunta foi sobre o tipo de material que os alunos criaram, as respostas foram parecidas: 67% são documentos de texto, 67% slides, 60% vídeos, 13% *blog* (Figura 11); 75% não publicaram as criações na *web* (Figura 12). Mesmo com resultados parecidos, percebe-se a preferência dos alunos pelo vídeo, enquanto os professores mantêm um perfil mais tradicional dando preferência aos documentos de texto e slides.

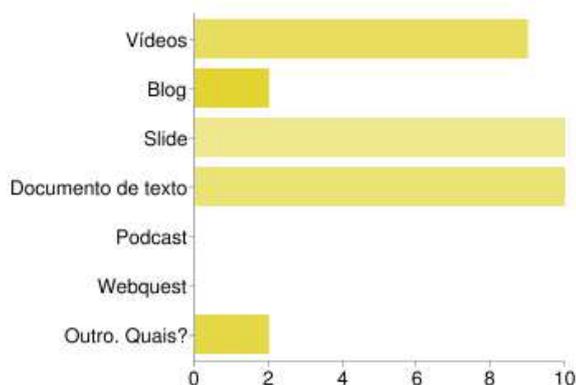


Figura 11: Gráfico dos tipos de materiais criados pelos alunos.

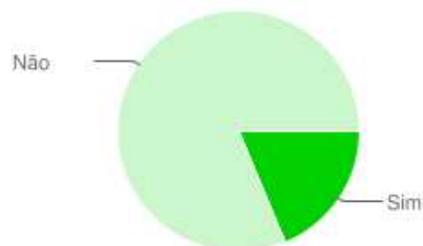


Figura 12: Gráfico de compartilhamento de conteúdo da web, mais da metade dos alunos não compartilha.

Diante dos resultados alcançados através da pesquisa pode-se dizer que professores que criam, estimulam que seus alunos criem. Os dados levantam a hipótese de que o professor direciona o ato criativo do aluno, pois eles reproduzem o mesmo modelo. Apesar de boa parte dos professores estar inserida nas redes sociais, e fazer uso de material disponível nelas, não vivencia a experiência em sala de aula e não tem como prática o compartilhamento de conteúdo na rede. O modelo explorado nas salas, segundo os resultados, ainda é o sistema de comunicação de um para muitos, o índice de publicação dos trabalhos ainda é pouco, ficando mais de conhecimento interno, como uma intranet não alcançando a grande rede.

Alguns professores comentaram que os trabalhos dos alunos ainda estavam passando por ajustes para depois passar à etapa de publicação. Outros disseram que nem tinham pensado a respeito, e outros que os próprios alunos não manifestaram interesse em compartilhar, o que demonstra, mais uma vez, que não estão inseridos na filosofia do compartilhamento.

Seguindo o pensamento de que professor que cria, aluno que cria; será que o mesmo pode-se dizer sobre o uso das redes sociais?

A pesquisa demonstrou que 92% dos professores entrevistados possuem perfil no Orkut, 42% no Portal do Professor, 33% no Facebook, 17% no Educarede, 17% no Twitter e 8% no YouTube. Apesar do estímulo durante as formações no NTE para o uso do Portal do Professor o número de cadastrados é pequeno comparado com o de outras redes. Outra destaque é o índice de cadastro no YouTube, pois apesar dos vídeos serem preferência de uso pelo professor, poucos possuem cadastro no portal, o que reforça que o professor apenas utiliza-se da ferramenta sem a intenção de colaborar. Apesar do alto índice de professores conectados em

alguma rede social, imagina-se que, assim como os alunos, estes utilizem as redes apenas com objetivos sociais e não pedagógicos, já que o índice de compartilhamento é baixo. A participação nas respostas do questionário foi muito baixa, pois era voluntária e esse índice só reforça a idéia de que o compartilhamento não está inserido como prática. Segundo Marinho (2010), as redes sociais ainda não fazem parte da realidade das escolas como recurso pedagógico, isto devido ao tipo de escola que se apresenta e também pela dificuldade na mudança de perfil do professor.

A primeira dificuldade está na estrutura da escola e na postura do professor. Dificilmente, eles chegariam ao modelo ideal de rede, que é aquela que não tem centro, não tem comando nem poder. Dentro dessa estrutura, vejo uma enorme dificuldade para a escola fazer uso dessas redes porque seria preciso que os professores não se sentissem comandando alunos, determinando tarefas. Além disso, existem alguns riscos nas redes sociais que a escola não quer assumir, [...]. Por tudo isso acredito que hoje a escola não está na rede, e a rede não está na escola. (MARINHO, 2010)

Hartley (2009) diz que apesar dos esforços no uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) as escolas não se mostram receptivas ao uso das redes.

Embora as escolas e universidade obviamente ensinam “o uso das TICs” e até mesmo de “prática criativa”, até agora não se mostraram adeptos em viabilizar redes de aprendizado descentralizadas e orientadas por demanda para finalidades imaginativas e não somente instrumentais. Elas continuam a empurrar as tecnologias de formação moderna da biblioteca e do laboratório – como se as mesmas possuíssem um monopólio sobre o conhecimento – porque não conseguem imaginar as complexidades do labirinto do sistema moderno. (HARTLEY, in BURGUESS, 2009. p. 171)

Segundo a professora Léa da Cruz Fagundes (INFOEXAME, 2009), da UFRGS os “recursos digitais podem ajudar a aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades e competências de um futuro cidadão digital” e que isso só acontecerá “quando houver autonomia para os professores experimentarem mais, sem medo de cometer erros”.

Os professores, diante dos programas do governo na área da informática, estão sendo estimulados à atualização, mas a filosofia do compartilhamento da informação via Internet e a construção coletiva do conhecimento ainda é um passo distante. Há a necessidade de criar a cultura no meio da categoria, mas isso é algo que acontecerá naturalmente à medida que o professor se encontrar completamente

inserido no mundo virtual e for se apropriando das redes e mídias sociais pra se mostrar como cidadão e profissional. O primeiro passo é continuar investindo na alfabetização digital, e esclarecer e incentivar o uso das redes pela categoria.

4 CONCLUSÃO

Este trabalho apresentou um estudo sobre as várias mídias utilizadas em sala de aula pelos professores, como também, comentários dos professores diante da cultura colaborativa. Uma pesquisa foi realizada com um grupo de professores da 6ª CRE sobre a utilização das mídias e de material disponível na Internet em sala de aula, buscando, também, investigar sobre a produção de material para a Internet por parte de professores e alunos. Com base nesses dados, conclui-se que a revolução digital não atingiu totalmente as salas de aula, mas se aproxima timidamente de um grupo pequeno.

A revolução digital, através da cultura colaborativa, só acontecerá na sala de aula quando os professores se apropriarem dessa filosofia. E quando isso acontecer, será natural que os alunos também o façam.

O fato de utilizar as tecnologias em sala de aula não é uma ação milagrosa. Isso pouco muda o cenário se a metodologia não acompanhar, sendo que a utilização desses recursos não se faz necessária em todos os casos. Se o professor não tiver um objetivo claro, perde-se todo o sentido pedagógico. As mídias na educação são mais um recurso, entre outros, disponível para o professor. Através das redes sociais disponíveis na *web* ele pode ter contato com outros colegas, trocar idéias, conhecer outras realidades que podem vir a colaborar no seu crescimento pessoal e profissional, e ampliar seus horizontes.

O objetivo da pesquisa foi alcançado, pois, apesar da pequena amostra, conseguiu-se identificar as mídias utilizadas na sala de aula e saber que uma parcela dos professores e alunos estão produzindo material e compartilhando na *web*. Os resultados apresentaram também que a utilização de recursos citados na pesquisa, como blogs, vídeos, wikis, facilitaram o processo de aprendizagem e que os professores aprovaram seu uso.

Este trabalho não finda aqui, após um intervalo de tempo para que a idéia do uso das redes sociais na educação amadureça, pode-se voltar à questão para

comprovar se houve alteração neste quadro. Futuramente, pretende-se ampliar esse estudo, realizando uma pesquisa que permita fazer um comparativo entre o rendimento de alunos que usaram as novas mídias e que não usaram, com o objetivo de analisar o nível dessa influência no processo como um todo.

REFERÊNCIAS

ACCORSI, Daniel. A cultura colaborativa virtual ainda está fraca no Brasil. Disponível em: <<http://www.alvoconhecimento.com.br/index.php/2009/01/15/a-cultura-colaborativa-esta-frac-a-no-brasil/>>. Acesso em 19 de agosto de 2010.

ALMADA, Darlene et al. Produção colaborativa de vídeos na escola. In: 19º EPENN (Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste). João Pessoa - Paraíba: 05 a 08 de julho de 2009. Disponível em: <http://www.ici.ufba.br/wiki/pub/Ripe/ArtigosEpenn/producao_colaborativa_videos_e_scola_epenn.pdf>. Acesso em 30 de agosto 2010.

ASSMANN, Hugo. Metamorfose do aprender na sociedade da informação. SciELO - Scientific Electronic Library Online. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a02v29n2.pdf>>. Acesso em 14 de agosto de 2010.

AURÉLIO. Dicionário do Aurélio. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com>>. Acesso em 01 de setembro de 2010.

BLOGGER. Disponível em: <<http://www.blogger.com>>. Acesso em 29 de agosto de 2010.

BURGESS, Jean. YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

EDUCAREDE. Fundação Telefônica. Disponível em: <<http://www.educarede.org.br>>. Acesso em 02 de agosto de 2010.

FOLHAONLINE. YouTube tem mais de 5 bilhões de acessos em um mês nos EUA. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u443647.shtml>>. Acesso em 10 de setembro de 2010.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOULART, Nathalia. Por que professores e escolas não caem nas redes sociais? **Veja on-line**, São Paulo, agosto, 2010. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/por-que-professores-e-escolas-nao-caem-nas-redes-sociais>>. Acesso em 20 de agosto de 2010.

GRUPO DE ESTUDOS EDUCAR NA CULTURA DIGITAL. Transmitiu o debate on-line “Educar na Cultura Digital: geração Y, cibercultura e mudanças de comportamento” com Lea Fagundes, André Lemos e Rodrigo Nejm. Disponível em: <<http://www.educarnaculturadigital.org.br>>. Acesso em 20 de agosto de 2010.

INUZUKA, Marcelo Akira. Uso educativo do wiki: Um estudo de caso na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Brasília, DF. 2008. 122f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Informação e Comunicação) – Universidade Federal do Ceará – UFC/Universidade Norte do Paraná – Unopar.

KIRST, Patrícia Gomes. BIAZUS, Maria Cristina. **Informática na Educação: Teoria & prática**. Educação Colaborativa: Fluxo & Redes. Porto Alegre, v.9, n.2, jun/dez 2006.

LIMA, Edsandra de Carvalho. Usos da TV e vídeo em sala de aula: relato de uma experiência com o “Projeto Cultura Afro-brasileira”. Disponível em: <<http://dmd2.webfactional.com/media/anais/USOS-DA-TV-E-VIDEO-EM-SALA-DE-AULA-RELATO-DE-UMA-EXPERIENCIA-COM-O-PROJETO-CULTURA-AFRO-BRASILEI.pdf>>. Acesso em 05 de outubro de 2010.

MANTOVANI, Ana Margô. Blogs na Educação: Construindo Novos Espaços de Autoria na Prática Pedagógica. Disponível em: <<http://educivica.com.sapo.pt/blogsnaeduca.pdf>>. Acesso em 13 de setembro de 2010.

MARTINS, Marília do Rio et al. Blog: a interatividade a serviço da aprendizagem Cooperativa. Porto Alegre, RS. 2007. 50f. Monografia (Especialista em Tecnologias em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://arrobaeduc.terapad.com/resources/4489/assets/documents/monografia.pdf>>. Acesso em 10 de setembro de 2010.

MORAES, Maurício. Caderno, livro e notebook. Como a tecnologia está mudando o jeito de aprender dentro (e fora) das salas de aula. **Info Exame**, São Paulo, n. 283, p. 58-62, set. 2009.

MORAN, Manuel José. O vídeo na sala de aula. **Comunicação & Educação**. São Paulo, jan/abr. 1995. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm>>. Acesso em 30 de julho de 2010.

_____. Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/uber.htm>>. Acesso em 04 de setembro de 2010.

PÉREZ, Maria Cândida R. Cardinalli. A nova escola na era da informação: Algumas observações para discussão. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/6834513/A-nova-escola-na-era-da-informacao>> Acesso em 05 de outubro de 2010.

PORTAL DO PROFESSOR. Ministério da Educação. Disponível em <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br>>. Acesso em 28 de agosto de 2010.

PRATA, Carmem Lucia. Dados Portal [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <CarmemPrata@mec.gov.br> em 23 agosto 2010.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. RECUERO, Raquel da Cunha. Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 22, dezembro 2003.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria Estadual de Educação. Disponível em: <<http://www.educacao.rs.gov.br>>. Acesso em 06 de setembro de 2010.

ROIG, José Antonio Klaes. Blog (Diário Virtual) como ambiente de aprendizagem em rede: do tecnológico ao educacional. Rio Grande, RS. 2010. 65f. Monografia (Especialista em Mídias na Educação) – Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, 2010.

ROSADO, Alexandre. A Wikipédia e suas contribuições para a aprendizagem cooperativa através da autoria textual coletiva. In: XIV ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2008, Porto Alegre. XIV ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Porto Alegre: ediPUCRS, 2008.

SANTOS, Adriana Soares Lourenço dos. O uso do vídeo na escola de tempo integral. Disponível em: <<http://www.soartigos.com/articles/6616/1/O-uso-do-Video-na-Escola-de-Tempo-Integral/Invalid-Language-Variable1.html>>. Acesso em 05 de outubro de 2010.

SILVA, Maurílio. O Twitter como ferramenta de comunicação da cibercultura. Palmas, TO. 2009. 113f. Monografia (Bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2010. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/23332387/O-Twitter-como-ferramenta-de-comunicacao-da-Cibercultura>>. Acesso em 20 de agosto de 2010.

TWITTER. Disponível em: < <http://www.twitter.com>>. Acesso em 21 de agosto de 2010.

VENDRUSCULO, Franciele Liliane et al. O uso do blog no processo educacional: relato de experiência da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Cândida Zasso de Nova Palma. Disponível em <<http://www.unifra.br/eventos/jne2008/Trabalhos/85.pdf>>. Acesso em 11 de setembro de 2010.

VEJA. YouTube chega a 1 bilhão de acessos. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digita/youtube-chega-1-bilhao-acessos>>. Acesso em 10 de setembro de 2010.

WIKIPÉDIA. Disponível em: <<http://www.wikipedia.org>>. Acesso em 27 de julho de 2010.

YOUTUBE. Disponível em: <<http://www.youtube.com.br>>. Acesso em 16 de agosto de 2010.